

Haddad leva trunfo do ajuste aos EUA

ESTADO DE SÃO PAULO 07 FEV 1993

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON — Fortalecido pela aprovação do pacote fiscal pelo Congresso, na semana passada, o ministro da Fazenda, Paulo Haddad, inicia amanhã na capital americana o roteiro de encontros percorrido inúmeras vezes, nos últimos anos, por seus antecessores, sem resultados duradouros. As chances de sucesso do chefe da equipe econômica de Itamar Franco não são melhores.

A seu favor, Haddad tem o ajuste fiscal de emergência, que pode não ser suficiente para fechar o buraco do déficit federal mas é certamente mais do que as promessas que os dois últimos governos puderam exibir em suas conversas com o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento e o governo dos Estados Unidos.

O interesse político e financeiro dessas instituições na efetivação do acordo de reescalo-

namento da dívida externa que o País negociou com os bancos credores também deverá ajudar o ministro em sua missão. Apesar das dúvidas que têm sobre as intenções e capacidade do atual governo de levar adiante um programa de estabilização, os dirigentes do FMI, Bird e BID recomendaram o acordo aos banqueiros.

Haddad chega a Washington com a inflação outra vez perto dos 30% aos mês e enfrentando um enorme déficit de percepção — a falta de credibilidade do País. O problema, derivado das decolagens falsas de planos econômicos sucessivos, foi agravado nos últimos meses pelos efeitos das frequentes e desastrosas declarações do presidente da República sobre política econômica e os sinais ambivalentes que, às vezes, o próprio ministro, emite. “O fosso entre o que o governo diz e o que faz não facilita a compreensão do que está acontecendo em Brasília”, lamentou um funcionário do FMI.

O problema de percepção é

ilustrado por uma simples comparação. Entre outubro de 91 e maio de 92, falando pouco e sem perspectiva de apoio do Congresso para uma política fiscal, o ex-ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, fez a inflação despencar de quase 30% para menos de 20%. Na gestão Haddad, o Congresso aprovou a liberalização da política portuária e aprovou o pacote fiscal de emergência, mas a inflação fez o caminho contrário.

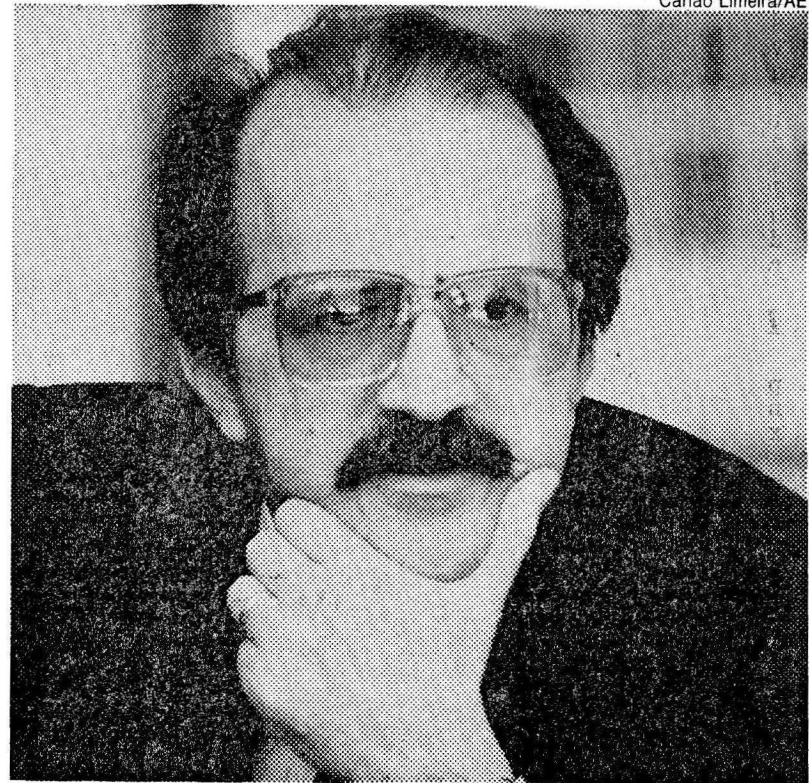
Haddad reúne-se hoje à tarde na embaixada do Brasil com os assessores brasileiros nos organismos internacionais. Do negociador da dívida, Pedro Malan, que é também diretor-executivo no Bird, o ministro deve ouvir uma avaliação do périplo internacional de venda do acordo da dívida aos credores, completado sexta-feira, em Londres. No FMI, onde o ministro tem discussões técnicas amanhã e um encontro com o diretor-gerente, Michel Camdessus, na terça, o clima é receptivo. Haddad é visto como um agente

de racionalidade e equilíbrio num governo caótico.

Engana-se o ministro se conta com uma reação passiva do FMI diante do novo galope inflacionário brasileiro. A propósito, ele deveria atentar para a dura crítica que Camdessus fez na semana passada à atitude leniente do governo russo diante dos óbvios riscos da hiperinflação. “Muitas democracias no mundo foram mortas pela hiperinflação”, disse ele, em entrevista ao jornal Izvestia.

É no Bird que o ministro provavelmente terá a reunião mais desagradável de sua missão a Washington. O problema é a antiga e mal disfarçada hostilidade do vice-presidente da instituição para a América Latina, Shahid Husain, em relação ao Brasil. Husain, que é paquistanês, exibiu sua má vontade num encontro recente com um representante de um terceiro país. Indagado sobre o Brasil, o vice-presidente do Bird cortou a conversa. “Sobre esse país, quanto menos se falar, melhor”, disse.

Carlão Limeira/AE



Difícil missão

Ministro Paulo Haddad vai enfrentar nos EUA desconfiância sobre governo Itamar